

A SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DA IDADE MÉDIA

Profa. Licia di Sabbato Forzenigo,
Titular de História da Arte.

A história da Idade Média possui com seu conjunto de elementos orgânicos, uma importância fundamental para compreender o mundo moderno, porque ela significa fundação da Europa sobre base cristã romana. O império e o Cristianismo com seus triunfos e recíprocas relações, constituem o pressuposto de toda a Idade Média, porquanto criam uma consciência de universalidade política e religiosa, que se tornará no decorrer de um milênio a fé comum para os homens e o caráter substancial dessa época. O regime unitário e total, os princípios de ordem civil e de pureza cristã poderão ser mil vezes desmentidos pelos fatos, mas continuar-se-á acreditando, esperando, realizando a luz da Igreja e do Império; e política e religião se constituirão nos dois aspectos de uma única realidade.

O primeiro grande momento na nossa história medieval é a progressiva fusão entre vencedores e vencidos. Era um problema complexo, cujas dificuldades estavam, mais do que no número ou nas armas ou mesmo nas exigências econômicas, nas forças morais da civilização e da fé. Da investida de Alarico e do sonho do império gótico de Ataulfo, chega-se à monarquia germânica e romana de Teodorico, ao compromisso estático da força e do direito, na ortodoxia e da heterodoxia, à constelação familiar dos reinos romano-germânicos, tendo como cabeça a corte de Verona. Mas a Romanidade, na sua consciência civil e religiosa, era um obstáculo quase que intransponível para a união; a hierarquia católica culta e numerosa, arraigada à terra e cheia de impulso vital, era um exército muito mais poderoso a resistência e a conquista dos Godos, Burgundios, Francos, Alamanos, espalhados em território inimigo. A primeira, importante vitória foi conseguida sobre os Francos que, pelo exemplo de Clóvis, converteram-se ao Cristianismo, tornando-se com o tempo a coluna de sustento para o Papado, o mais formidável instrumento para a expansão romana e católica entre os invasores e os povos além da fronteira, para a defesa e a formação unitária do Ocidente. Tal formação tinha seu pressuposto na diversidade de natureza, de cultura, de história entre as duas partes do Império, na efetiva divisão do próprio Império, no diferente destino que preservava o Oriente das invasões a que tinha submetido o Ocidente, -

enfim, nos dois poderes que de Roma e de Constantinopla de maneira diferente governavam o mundo. Idealmente a unidade poderá perdurar e provocar à distância de séculos, conflitos militares e diplomáticos, reivindicações de direitos por parte de uma e de outra; na realidade o mundo ocidental vem, cada vez mais, se afastando do mundo oriental, recolhendo-se em si mesmo, consciente de seus interesses e valor. São Bento lhe dá o modelo de sua cultura; São Gregório, sob a pressão longobarda, acentua o afastamento de Bisâncio, responsabiliza-se pela defesa militar da Itália, e com a conversão ao catolicismo dos Longobardos e Anglo-Saxões, a submissão da igreja irlandesa, as relações com os poderosos francos, cria as bases e as linhas da nova política papal e européia. Duas forças diferentes, separadas embora - conspirantes, movimentam-se afora para a fundação da Europa: a Santa Sé, com seu prestígio e sua sabedoria civil, com seu apostolado e seu espírito de independência em relação a longobardos e bizantinos; a dinastia dos Pipinides, flor da aristocracia de palácio, herdeiros da monarquia merovíngia, que barram a invasão árabe, propagam o Cristianismo pelas armas numa competição com os missionários ingleses consagrados por Roma e pelas diretivas romanas reformam o clero nacional. Quando a Igreja e os francos, impelidos, cientes ou menos de sua comum tarefa da defesa da Romanidade, juntam-se e entram em acordo entre si, consuma-se a ruptura do Ocidente e do Oriente e inicia a história da Europa. A coroação de Carlos Magno, qualquer que seja a maneira como se considera o fato nas suas contingências imediatas, é o sinal de que na consciência contemporânea, a separação de Bisâncio e a união dos vencidos e dos vencedores estão consumidas; a consagração pela mão do pontífice (significa) que o império está incumbido de uma missão religiosa. Propagadores do Evangelho são os missionários de Roma ou as milícias de Carlos, o esplendor literário de sua corte é em grande parte um surgir de cultura monástica insular; bispados e mosteiros tornam-se os centros mais ricos de atividade política, cultural e econômica. Mas a unidade de que se fala não é o império romano e não é o estado moderno; ela possui algo de superficial e de ocasional, é mais uma consciência religiosa, uma aspiração da sociedade - culta, uma prática de governo, que não uma profunda realidade da Europa Carolíngia. A qual, examinada na sua constituição social, política e econômica, nos se manifesta como um assentamento um tanto provisório de vencedores e vencidos, um agregado de povos com suas leis debaixo de um regime pessoal, uma socie-

dade elementar de milícia feudal, de cultura eclesiástica, de trabalho servil.

O desaparecimento de Carlos Magno, apesar das aparências, não assinala historicamente, uma parada ou um regresso, o absurdo abismar de um mundo de civilização e a uma volta de mais profunda barbárie. A consciência do império e do sacerdócio, como unidade cristã e romana do mundo ocidental, é a essa altura tão forte que mesmo por crises, pavorosas, permanecerá o princípio fundamental de toda a história futura. Os protagonistas de nova idade saem do próprio seio da criação de Carlos e de seus predecessores. São as aristocracias militares, propostas pelas guerras dos Pipinídes, que provocam internamente o desmonoramento da estrutura sumária do império carolíngio e afundam na terra suas raízes. Nesse profundo trabalho os dois chefes do mundo católico elanguescem; clero e laicado, ficando sem guia, enlaçam-se profundamente um no outro; o particularismo universal que chega a seqüestrar o próprio papado, parece precipitar na anarquia a inteira vida econômica da Europa. Na realidade, se constrói sobre fundações mais sólidas um edifício mais estável. Entre o século IX e o século X vem-se desenrolando um duplo processo na sociedade européia; de um lado de hierarquia feudal que levará às monarquias de França e de Alemanha, do outro de hierarquia eclesiástica que visa sempre mais decididamente a Roma. Os dois movimentos, animados pelo ideal cristão, respondendo ambos à exigência comum de superar a desordem civil e a corrupção moral do feudalismo, encontram-se na monarquia anglo-saxã, que de sua posição hegemônica está destinada a tomar o mando da Europa feudal. Otão III, mais decididamente que não o primeiro e o segundo (dos Otões), mas seguindo-lhes as pegadas, orientava sua política em direção à Itália e a Roma; encerrava na sua pessoa e por cima das facções locais, a idéia imperial romana; tentava o esforço extremo para incorporar o império no papado, e assumir para si a missão da Igreja e o arrebatamento religioso do Ocidente. Carlos Magno alumia-lhe o caminho; mas a Europa era outra. Não mais velhas fronteiras, nem a ameaça de invasões árabes, húngaras, eslavas e normandas. Árabes e Bizantinos começavam a recuar na Espanha e na Itália e o respiro de revanche e da reconquista fazia-se cada vez maior. - Inglaterra, Boêmia, Polônia, Hungria estavam já incluídas na órbita européia; não mais Capitulares, mas leis; não mais condes, bispos, abades, missi dominici, oficiais pessoais do príncipe, - mas feudalidade leiga hereditária, igreja de bispos-condes, cor

po e fundamento do Estado. Se o império significava ainda governo cristão do mundo ou pelo menos do Ocidente, sua base política era constituída pelas coroas da Itália, da Alemanha e da Borgonha. Fora do núcleo e do vínculo ítalo-germânico, haviam-se - constituído estáveis organismos políticos, entre os quais começava a sobressair o reino da França. Classes novas, brotadas da formação hierárquica feudal, sacudidas por um turvo fermento de ódios, ambições, energias, entram no cenário da História: cavaleiros franceses, ministeriais alemães, vassallos italianos, cidades crescidas à sombra da imunidade dos bispados, agricultores que se haviam livrado da escravidão servil. Se se olhara a cultura, sente-se que há nela algo de novo, uma vida que brota e tenta romper a casaca; o primeiro balbuciar dos falantes, digo, falares vulgares, alguma clara lembrança clássica de heróica vida civil, a simples vivaz humanidade do bispo liderando, o sereno classicismo e a curiosidade científica de Gerberto. O - mais profundo impulso para promover essas energias nascentes - foi dado pela Igreja. Esta, já consciente de sua missão universal, não aceita a idéia imperial de elevar materialmente e moralmente a Igreja e ao mesmo tempo incorporá-la, e aprisioná-la ao império feudal. E por isso estoura a luta das Investiduras, - que é a crise da Idade Média, isto é, do governo cristão, unitário do Ocidente. Acham-se frente a frente liberdade e hierarquia eclesiástica de um lado, feudalismo e igreja territorial do outro. O império, o estado medieval em geral, forte de uma tradição de séculos, apóia o direito histórico e a unidade; a Igreja após ter cristianizado e romanizado toda a Europa, após ter penetrado toda a sociedade, e de certa forma, ter sido absorvida pela mesma, levanta contra o poderio leigo a exigência tremendamente revolucionária da reforma e da liberdade. A crise - foi geral, mas tornou-se mais trágica e decisiva na Itália e na Alemanha, em virtude das aspirações universais do império, por sua fatal atração em direção ao papado, pelo interesse substancial da coroa germânica no domínio sobre a igreja nacional. - - A guerra foi conduzida pela Igreja com uma dupla ação contemporaneamente: política e religiosa, reforçando por intermédio da obra e da ação dos legados do papa no sentido de espalhar a vontade de Roma, tanto na França, na Espanha e na Inglaterra, e de outro lado procurou ganhar todas as forças jovens desejosas de conquista e de revolta; povos de cidades, grandes feudatários - contrários ao império, Polônia, Hungria, Boêmia que aspiravam à liberdade de suas terras. O império saiu da luta mortalmente fe

rido: destituído de sua pretensão de dominar o papado, sacudido no seu próprio sistema econômico e político que se apoiava sobre a igreja particular e sobre a igreja nacional, foi colocado na condição de inferioridade seja que aceitasse a diminuição que lhe tinha sido infligida, seja que, não aceitando proibições, - fosse ao encontro da condenação de Roma e do inteiro mundo católico. A Santa Sé celebrava o mais clamoroso triunfo: intérprete do espírito religioso e das encobertas energias da jovem Europa, havia levantado frente a esta o estandarte da liberdade e da - conquista contra a velha Europa, imperial e feudal. E guerra e religião, ao comando de Roma, encaminhavam-se em direção às Cruzadas, abrindo as portas à colonização da cavalaria francesa no Mar do Levante e solicitar durante dois séculos os interesses - de grande parte do Ocidente. Da luta pelas Investiduras a unidade da República Cristã do Ocidente é quebrada, a consciência político-religiosa, dividida. Os dois poderes universais divergem; clero e laicato, separados um do outro, visam a constituir dois mundos distintos, cada um com suas razões, interesses e finalidades particulares. O império privado de substância religiosa, redescobre como sendo seu direito o domínio universal do direito romano e se abriga debaixo de uma soberanidade não derivação divina, não vinculada à igreja, mas fundamentada em títulos jurídicos, nascida da terra e do homem. Entretanto, o mundo de então não respondia mais às condições históricas de onde surgiu o absolutismo de Roma e o princípio novo de soberanidade absoluta, enunciado pelo direito imperial, ao invés de legitimar o império, ia ao encontro das exigências políticas dos potentados - territoriais em luta contra os dois poderes supremos. O império tem agora dois adversários inconciliáveis: A Igreja e a Europa - das Comunas e das Monarquias. Henrique II faz o mais heróico e extremo esforço para submeter e este e aquele, aliás para reuni-las numa nova universalidade: com a conquista do Reino e do patrimônio de São Pedro pensa ter em suas mãos o papado inimigo e a Europa rebelde; mas, após inumeráveis tentativas de sucesso - momentâneo, a morte precoce não faz nada mais do que sancionar uma condenação que estava implícita na própria vitalidade da - Igreja, dos povos e dos potentados leigos na tendência compressiva e reacionária da política desse soberano. Depois disso, o universalismo de império poderá sobreviver longamente como aspiração nostálgica na consciência européia. Na realidade, no século XIII, não apenas está acabado o assentamento unitário do go-

verno cristão da Europa, mas dentro das restritas fronteiras do império, novos organismos políticos, as Comunas, adquiram autonomia e visam, de fato, à independência e a soberania; os estados particulares afirmam mais claramente uma própria existência, defendem seus interesses, realizam alianças, manifestam tendências e antagonismos, que assinalam as primeiras linhas do futuro sistema político europeu. Se o Império é ainda o protagonista de uma Europa que morre, a primazia de uma Europa nova está na França que consegue consolidar a monarquia, se sobrepujar à Inglaterra, feita aliança com Roma e, ao serviço de Roma, iluminando o Ocidente com as escolas de Chartres e a universidade de Paris, enquanto que a Itália, já há tempo vinha preparando para a Europa todas as bases para o Humanismo. A guerra que se trava *prá cá e prá lá* da Manga, as comunas, as Senhorias e os Principados da Itália que se agigantam com sua política e sua economia a monarquia niveladora que funda a justiça real, chama o terceiro estado a fazer parte da constituição, que cria seus ministros sua burocracia, o exército, as finanças, são outros tantos aspectos do edifício medieval que cede e se curva frente ao estado moderno. Mas, com esta Europa adulta e para cujo crescimento tão fortemente a Igreja havia colaborado, a própria Igreja vem a - chocar-se no momento em que tenta afirmar sua supremacia. Após- ter oferecido suas forças para promover e guiar o mundo católico contra a agressão imperial, ela aparece muitas vezes a seus próprios beneficiados, não tanto o grande instituto de salvação mas sim um formidável organismo jurídico, fiscal e político, um pouco porque de fato o caráter *temporal* tem sobrepujado o *espiritual*, um pouco porque é fatal que o beneficiado, quando querer para frente, se revolta contra quem o beneficiou. Os países- que opõem a mais violenta atividade contra a ingerência política e fiscal da Igreja são justamente a França e a Inglaterra, - onde pela tradição dinástica, a centralização da autoridade na mão do rei e guerras e sacrifícios de toda espécie, estão formando uma sólida consciência de estado e de nação. Frente a Igreja e ao Império constrói-se o Estado soberano que, nas questões temporais não reconhece autoridade alguma superior a si próprio: nas crises políticas, nas sempre maiores exigências econômicas, se trabalha com energia para a abolição do privilégio eclesiástico, para uma igreja nacional subordinada, melhor, incorporada ao Estado. Os moradores das cidades, a burguesia, alia-se à nobreza e ao clero na luta pela monarquia nacional e na tutela -

dos seus interesses econômicos frente à própria monarquia; o parlamento nas suas três ordens exprime a um tempo, a firmação da soberania popular e a formação da unidade nacional ao redor da dinastia. Estas são as forças sobre as quais pode confiar Felipe, o Belo. E com ânimo gigantesco Bonifácio VIII vai contra esta maré que se aproxima, e repete sua profissão de fé, que foi a de Gregório VII. Mas a República Cristã não responde mais ao chamado da Igreja: e pela primeira vez o Estado moderno afirma altamente suas exigências. O regimento teocrático, empobrecido na sua substância vital, rebaixado a instrumento de nepotismo, de fiscalização e de governo terreno, era um edifício privado de seus alicerces, enquanto representava a temporalidade de um ideal universal e transcendente, que se havia obscurecido ele próprio na consciência contemporânea. Avinhão foi, para a Igreja humilhada e desautorizada, a única possibilidade de salvação; para a França, o prêmio da vitória, o sinal de sua efetiva hegemonia, uma dívida de devoção e ajuda à religião; o grande Cisma, a revanche de uma França desiludida e o conflito entre catolicismo e igreja nacional. E foi também a crise resolutive da Idade Média. A Santa Sé, dilacerada pelos potentados leigos, agravada pelo peso da centralização de autoridade e da fiscalidade, foi chamada a se desculpar frente à assembléia das nações: com o ânimo olhando ao passado, a Europa queria recompor a unidade daquela República Cristã, que ela própria renegava com os movimentos revolucionários. O resultado foi a restauração do catolicismo monárquico, limitada todavia pela declaração da superioridade do concílio, pela obrigação da reforma e da colaboração conciliar. Na realidade a Igreja saía profundamente ferida da longa crise dos séculos XIV e XV; não somente porque a reformatio insistentemente pedida agora era uma exigência inelutável e ao mesmo tempo uma tarefa de grande dificuldade, mas também porque de todo lado e sobre diferentes princípios, tinha sido realizada - uma investida contra o próprio instituto hierárquico e sacramental de Roma. *O Médio-Idade se havia assim acabado*: o universalismo tríplice e indiviso, religioso, político, cultural e, após - ter sido mitigado o ímpeto das invasões, ampliado as fronteiras do Ocidente, contido e encaminhado para uma ordenação civilizada ao particularismo feudal, havia-se perdido no mesmo mundo - que ele criara e, do fundo comum de uma Europa já romana e cristã, emergiam cada vez melhor diferenciadas, individualidades nacionais de estado, de crenças e de cultura.

A *renovatio* que, na perene juventude da História, tinha sido repetidamente invocada e saudada no decorrer do Medievo, cumpria-se mais uma vez, não no universalismo de Igreja e Império, mas contra ele. Era nova concepção política que afirmava, no estado, a fonte de seu poder e sua finalidade; era nova concepção religiosa, que se contrapunha à tradição católica, as Sagradas Escrituras interpretadas pelo livre exame; era o reencontro do classicismo como modelo de vida, e de beleza, - revalorização do homem e da natureza, irresistível impulso ao conhecimento e à conquista do mundo.

=====